

A CULTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Wilson do Carmo Júnior*

Unitermos: Educação Física e Cultura

Resumo: A cultura contemporânea incorporou um sentido exclusivo para o conceito de Educação Física. Diante da manifestação humana com as práticas corporais, parece-nos que fazer Educação Física transformou-se em cultura antes mesmo que os praticantes pudessem ter consciência desse fenômeno. Com o discurso sobre a prática de atividades físicas, o corpo humano adquire uma forma cultural e vem obedecendo um conjunto de valores e comportamentos que refletem metaforicamente um sentido de sobrevivência. O uso do corpo enquanto atividade cultural atinge o ser humano na sua totalidade. É preciso redescobrir a Educação Física enquanto cultura e a prática enquanto um fundamento legítimo da sua estrutura.

Manifestação Introdutória

No sentido de uma dimensão cultural em que a Educação Física está inserida no mundo atual, não podemos fazer uma leitura simplificada do efeito que seu conceito vem provocando. Muito mais que uma instituição, parece-nos que estamos redescobrimo o sentido legítimo do uso do corpo como revelação ontológica da atividade física. Não parece também haver equívoco quando promovemos a Educação Física à uma estrutura lingüística, uma metáfora, uma evidência *prática* que dissemina na esfera da cultura uma certa necessidade *de*.

Considerando a crise que a Educação Física vive, atribuindo essa crise à busca da identidade, e em parte, a um deslocamento irrestrito dos estudos em função das exigências de um mercado estimulado pela mídia, distanciamos-nos da reflexão sobre as necessidades básicas, da busca ontológica para redescobrir um conceito de corporeidade imanente. O ser humano aceita passivamente o conceito de atividade física, orientado pelo inconsciente individual e coletivo, projetando no mundo um sentido prático inusitado. Entretanto, mesmo ainda encoberto o conceito de Educação Física vem sendo identificado por uma categoria existencial que desperta no ser humano a necessidade de fazer alguma coisa. É possível vislumbrar a Educação Física como uma entidade cultural que atende o ser humano, desde as suas necessidades mais primitivas

até suas necessidades momentâneas provocadas pelos meios de comunicação e pela publicidade exagerada.

Assim como qualquer outra manifestação cultural, *fazer* Educação Física vem se tornando uma necessidade humana incondicional. Uma resposta intencional de que o homem precisa compreender sua corporeidade mais do que, atualizar seu organismo como máquina viva. É possível verificar que o homem está diante *de* uma cultura corporal representada pela lógica das práticas e pela simbologia da ginástica, inserida no imaginário social na busca da saúde. Essa prerrogativa está integralmente constituída na estrutura do esforço físico e em todas as categorias do movimento humano que a Educação Física representa. Ao homem, aquele que se move enquanto ato da consciência pura, é dada a responsabilidade de compreender sua estrutura corporal como suporte de sobrevivência. À Educação Física é dada a responsabilidade de apresentar o caminho. Essa talvez seja a sua maior referência do elo existencial que *inspira e transpira* quando vemos o conceito de Educação Física simbolicamente estruturado diante do esporte, da dança, das atividades lúdicas, e das infinitas categorias de ginástica. Esse fenômeno contempla o ser humano, não apenas pelo conceito de esforço físico, mas sobretudo pelo sentido metafórico que lhe é dado, pela referência à natureza da evolução humana, a partir de uma idéia de rendimento, que atinge objetivamente a dimensão do rendimento *humano também no contexto social*.

* Professor Mestre do Departamento de Educação Física - IB - UNESP - Rio Claro - SP

A rigor, a busca de um sentido antropológico da atividade física, e pela referência universal traduzida pelo conceito de corpo humano como dimensão da totalidade do homem, a Educação Física está presente no mundo contemporâneo como força da cultura, não apenas como um corpo de conhecimento particular na estrutura acadêmica. O saber e a linguagem transparente no conceito de Educação Física se faz representar como categoria existencial, da mesma forma que o sentido *prático une seu conteúdo humano ao conteúdo universal. Assim, a relação corpo-movimento surge como unidade de conhecimento aberta à cultura geral, o que nos permite prever associações sensíveis e inteligíveis* da Educação Física com outras áreas da cultura.

Um Conceito e uma Natureza da Atividade Física

A Educação Física deve aceitar, por excelência da sua prática, a contemporaneidade do termo no sentido lingüístico. Educação Física não foi um conceito inventado na última hora para simular uma opção do acaso; foi sim, uma intenção humana de natureza prática e de sobrevivência, que permitiu ao homem *ser vivo*. Talvez uma reinterpretação provocada pela realidade já vivida no homem caçador e mesmo como conteúdo do conceito clássico de ginástica da *Paidéia*. Há na Educação Física uma forma peculiar de experiência e percepção, reconhecida na realidade da Educação Física. Trata-se da evidência que encontramos no *corpo humano* enquanto corporeidade operante e atual. O corpo que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, mas um entrelaçado de visão e de movimento no mundo dos projetos motores como totalidade-e-motricidade. Essa é a premissa que nos privilegia a discursar sobre o corpo, falar sobre o corpo, exercitá-lo numa correlação de absoluta identidade com o espaço e o mundo extensivo. Essa correlação irá nos permitir compor um ser humano *corporal-e-motor*, residente em cada instrumento pedagógico, simbolizando as bolas, as cordas, os colchões, os bancos, os bastões, os arcos, os aparelhos de ginástica, as coreografias, os gestos esportivos, e todos os elementos que complementam uma humanidade do homem em movimento. Talvez sejam esses elementos *quem* e não *o que nos estimulam à motricidade ontológica*.

Na realidade o que devemos fazer é formular questões para que sejamos instruídos como integrantes de uma entidade cultural atuante, antes mesmos titulados como instrutores isolados, praticantes *de* uma cultura corporal e motora na confusa referência à identidade da Educação Física.

A Educação Física vem superando suas funções mínimas de compensação e utilidade, vem sendo convertida em cultura de tal forma, com um rigor e fecundidade, que se apresenta identificada e livre de todo perigo de sobreviver unicamente como conceito de esforço orgânico e sudorese. Com efeito, os professores estão sendo capacitados a sentar-se ao lado da entidade muito antes da profissão; defendê-la com a lógica da cultura e com o arquétipo das funções motoras. O uso do corpo também é o uso da razão e da emoção na motricidade geral. Assim, o efeito da ruptura entre o homem e a natureza se redime diante do professor e da aula, da atividade física e do corpo, da ação profissional ou acadêmica com a vida quotidiana.

Estamos mais próximos de uma *sala de aula* como palco do espaço humano imanente a cada gesto expressivo. Encontramos o lugar coincidente de beleza e justiça, esteticamente elaborado por uma consciência perceptiva. Aquele que insiste dar aulas à distância do corpo humano, distanciar-se-á de si e dos outros, tornando-se presa fácil da fadiga fisiológica e moral. O saber, o conhecimento, a linguagem, e o corpo, projetam na cultura um significado conquistado numa seqüência de dois mil e quinhentos anos. Não há restrição portanto sobre aquilo de devemos saber, conhecer, transmitir, e corporificar. O lugar cultural da Educação Física independe da mudança de nome, seu conceito alcançou o ambiente humano onde se localiza *aquele que faz educação física*, portanto conhecedor do corpo enquanto consciência e vice-versa.

A Educação Física segue um caminho sem volta quanto ao sentido de sua prática, muito além da prática como forma simplificada de exercício físico, sua estrutura conceptual e seu conteúdo elegeram uma autêntica relação do homem consigo mesmo, restaurando o sentido de totalidade na unidade humana. É possível vislumbrar a redescoberta do homem como sendo a própria natureza e não sua oponente. Diante dos fatos a Educação Física restaura um conceito de atividade física como ação e consciência, como ato e potência, um saber que supera a pré-concepção de que as práticas estão deslocadas das teorias. O conheci-

mento que produzimos não tem outra luz além daquela que, a partir da aceitação humana individual e coletiva, dirige seus raios para o mundo. Não cabendo arbítrio na opção por uma prática corporal, não deixando dúvidas de que fazer exercício é uma necessidade, não um acaso, entre outras infinitas relações intervenientes ao conceito e a natureza da sua representação cultural.

A partir tão-somente do contato entre o ser que se move, há sujeito de estudo e não objeto de estudo, assim como ao *corpo humano* foi aludido a estrutura harmônica dos *corpos celestes* por Keppler, poderemos identificar e designar uma outra unidade harmônica do ser que age em comunhão com o mundo. À Educação Física é dada a responsabilidade de renovar conceitos, valorizar a inteligência como criatividade, produto do pensamento que transcende o espectro corporal visto pelo organismo biológico. Há uma unidade corporal conjugada que oscila entre o esforço físico da ginástica dos jogos esportivos, da dança, do lúdico e do expressivo que a Educação Física representa e é refletida na linguagem. Em cada gesto motor, em cada código de movimento, há um discurso corporal imanente, invisível que antecede qualquer categoria técnica especializada. A relação da Educação Física com todas as modalidades esportivas, ginásticas, expressivas e lúdicas, indica uma corporeidade sensível e exemplar que capacita quem incorpora o sentido cultural do movimento humano, quem o habita e o sente, frequentemente coeso no tecido das coisas humanas. Como movimento ou motricidade entende-se uma comunicação do homem com as coisas vivas do mundo, sobre com as quais se descobre uma identidade sem superação, ou dicotomias, uma diferença que se complementa, sem a contradição enquanto contraversão. Assim se revela o ser humano que se move nos elementos inseparáveis como a bola e a grama, o judoca e o *tatami*, os passos e o palco, o nado e a água, as pernas e o salto, a inspiração e a transpiração...., enfim a corporeidade e a motricidade, o ser e o tudo, do visível ao invisível.

Educação Física e um novo Paradigma Estético e Lúdico

A Educação Física que conhecemos, só tardiamente parece ser emancipada, convergindo para o contexto social o teor da sua competência. Não podemos, de forma simplista, concluir ou contextualizar sua representação destituída de uma ordem e de uma referência axiológica particularizada. A questão do corpo e do movimento humano, a elaboração de um conjunto de práticas e técnicas, para correlacionar o homem com o mundo, permitindo sua sobrevivência, parece ser ontológico.

“Nas sociedades primitivas a dança, a música, a elaboração de formas plásticas e de signos do corpo, nos objetos, no chão, estavam intimamente mescladas às atividades rituais e às representações religiosas. Da mesma forma, as relações sociais, as trocas econômicas e matrimoniais, não eram discerníveis do conjunto da vida. (...) Uma tamanha interpenetração entre o socius, as atividades materiais e os modos de semiotização das funções da vida deixava pouco lugar para uma divisão e uma especialização. Do nascimento à caça, todo trabalho corporal pressupunha a atividade ritualizada em nome da sobrevivência. Não havia separação de uma esfera estética-lúdica das outras esferas: econômica, religiosa, política, social”...¹.

Não se trata aqui de modificar o sentido do uso do corpo nas atividades da Educação Física; trata-se contudo, de confirmar uma ontologia das práticas corporais como necessidade. O acesso humano ao ser humano corporal expressa muito bem o que é *ser humano*. Temos na corporeidade um referencial ontológico de emancipação lógica e mágica. Assim, toda leitura do passado remoto sobre as práticas corporais vem recuperar um *estado* de corpo humano, conceituado por um sentido de sobrevivência, uma experiência com a natureza vivida. “Tomar partido de tais referências não significa que tenhamos que unificar ângulos de visão basicamente heterogêneos”².

¹ MAUSS, M. *Antropologia e sociologia*. São Paulo, EDUSP, vol.II, 1974, p.76.

² GUATARRI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 128.

Há mais ontologia e genealogia em praticar esportes, fazer ginástica, dançar, brincar do que pressupõe a Educação Física construída pela ciência acadêmica sustentada pela razão. A soma de códigos que exploramos nos gestos corporais em cada uma das práticas, já se encontra no inconsciente coletivo, simbolicamente instalados, refletidos na exploração da qualidade de vida e culto a saúde. Talvez já tenhamos sido envolvidos e reconciliados parcialmente entre a natureza do esforço físico e a resposta cultural que ela oferece: o desejo e a necessidade de fazer uso do corpo, promove no ser humano uma espiritualidade embasada na inteligibilidade e sensibilidade dos conceitos referentes às práticas corporais.

A emancipação contemporânea das práticas corporais estão refletindo categoricamente os vestígios contingentes da necessidade de atuar no mundo. Estabelecendo um juízo de conhecimento (juízo determinante). É preciso *mover*; pois o sedentarismo é *prejudicial*, um juízo de gosto pela vida (juízo reflexivo), revelador de uma escolha, uma opção autêntica pelo atuação insistente como estilo de vida. Essa talvez venha ser a única prova que a Educação Física dispõe, para afirmar sua prática como sendo necessidade ontológica, redescobrimo a subjetividade corporal como entidade humana, uma partilha de valores da consciência estética, e da natureza lúdica do homem.

Como fenômeno polissêmico que transcende a objetividade tácita, toda prática corporal que conhecemos parece ser a emancipação do ser corporal e a exclusão do poder que monitora o corpo humano, fazendo uso mercadológico para promover a indústria do corpo sobre o corpo. Uma afirmação perigosa e de difícil análise, porém há vestígios de uma confusão recíproca entre o ser humano e o ser corporal como unidade inseparável ou não. Contudo, a Educação Física enquanto atividade cultural, torna-se possível ver e ser visto a liberdade sem trama conceptual de modelos e padrões ao procurarmos a vida através do desejo de ter saúde, de redescobrir a sexualidade, e da exploração sublime do prazer do esforço físico.

Essa redescoberta implica em exercitar Educação Física e cultura, uma metáfora emergencial. Como recurso para o *exercício físico-cultural*, lembremos de que

*(...) a cultura nunca nos oferece significações absolutamente transparentes, a gênese do sentido nunca está terminada. Aquilo a que chamamos com razão nossa verdade, sempre a contemplamos num conceito de signos que datam o nosso saber. Sempre lidamos apenas com arquitetura de signos cujo sentido não pode ser posto à parte, pois ele nada mais é senão a maneira pela qual aqueles se comportam um em relação ao outro, pela qual se distinguem um do outro*³.

A rigor, o sentimento de beleza e o prazer estético que acompanham a dinâmica das práticas corporais, não diferem de uma necessidade primitiva eminentemente humana. Nascem de uma livre associação do homem, como elemento de um mundo natural, com a imaginação no processo de sobreviver. Dessa união poderosa, o conceito de ginástica, esporte, dança e atividade lúdica, sempre esteve pré-anunciado no mundo dos homens, sua ligação com a Educação Física de modo algum poderia ser regulada pelo marketing, sugerindo a qualquer custo um manifesto evasivo sobre o corpo belo. Nesse sentido, tudo aquilo que a corporeidade e a motricidade imanente na Educação Física, enquanto uma atividade cultural, propõe, parece discordar dos juízos institucionais regrados pela lógica formal e das premissas advindas das *ciências da motricidade humana*. As faculdades da ciência moderna, mais atraente do que eficiente, sustentadas pelo conceito de método, parecem ter o poder absoluto de discordar da motricidade e da corporeidade humana humanamente aceita como atividade cultural. Suas prerrogativas, tidas como absolutas, impõem, em nome da objetividade, os padrões de produção de conhecimento legalmente aceito. Por piedade, desmazelo e excesso de cálculo deixa-se a Educação Física fora da cultura, enrola-a no quadro acadêmico cada vez mais estreito, e mesmo aí é crescente o empenho no sentido de substituí-la por uma tautologia organizada. Essa meditação burocratizada submete-se hoje, como há cem anos, a obrigação de se mostrar a todo instante a objetividade de um *bios* dependente de outras áreas da cultura.

A tentativa de exaltar a *ciência da motricidade humana* repousa na necessidade de traduzir a cultura da Educação Física. Antes da resposta

³ MERLEAU-PONTY, M. *Signos*. Paris, Editions Gallimard, 1960, p. 42.

cientificizadas ou da trama conceptual na qual está inserida, *fazer* Educação Física deveria ser entendida como fazer uso da técnica e da prática corporal como sendo um fenômeno *tradicional e eficaz*⁴. Implica em associar conceitos, valores, e comportamentos preexistentes sociológica, psicológica e biologicamente. Nessa abrangência encontra-se um ser humano vivo que atua no mundo tecnicamente, uma técnica corporal específica para cada necessidade, como ginasta que usa a arte gímnica constantemente aperfeiçoada. Há aí uma idiosincrasia social, e não uma atuação simplesmente funcional, o “hábitus”; que variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações e processos de ensino aprendizagem, porém, variam sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências, e as modas, com os prestígios⁵.

A Educação Física focaliza o corpo interior-exterior como associação livre, em cada gesto, em cada técnica aplicada reflete um ato preciso, eficaz e econômico. Há constantemente a redescoberta do gesto ou esforço primitivo que o espaço ontológico indica. Fora de qualquer utilidade ou compensação isolada do mundo, podemos restaurar o *atletismo primitivo* que possibilitou a sobrevivência humana. Esse acordo livre entre a cultura da Educação Física e a cultura geral provocam a imaginação e o entendimento, desperta o acordo sempre imprevisível e descontrolável das almas que praticam esporte, que dançam, que fazem ginástica e que brincam. Aí reside causa premente de que Educação Física se faz necessária. Nesse sentido a toda prática corresponde um prazer instantâneo e inspirador. Daí o sentido repugnante do sedentário e toda repulsa neles alojadas visto pelo desprezo às práticas corporais, e a justificativa da reclamação do *cansaço* pelo organismo desconfortável.

Manifestações Finais

Para a Educação Física não basta a organização do seu conteúdo sustentado por uma premissa filosófica-científica sem uma ontologia ou uma axiologia. Em cada reduto esportivo, em cada palco, em cada parque infantil, pressupõe a conciliação

interminável no campo do imaginário e no campo do intelecto. Refletir sobre essa ótica, encontraremos um outro referencial para a *prática-teórica*, para a noção de *rendimento-motor e social, totalidade e interdisciplinaridade* de corpo e de alma, particular e universal.

Estamos sobressaindo da moldura, visualizando uma relação espacial integrada com a geometria mais natural que podemos tocar. O corpo e o chão estão merecendo um discurso além da configuração banalizada da ginástica, do esporte e da dança, e do lúdico. O mundo parece-nos mais expressivo em cada gesto, em cada técnica, em cada coreografia. A concepção dos poderes corporais já ultrapassou a fronteira teórica e alcançou uma espécie prática que só a Educação Física é capaz de sustentar. Encontramos nas variáveis da motricidade que estudamos uma metáfora viva cosmológica e mitológica - a corporeidade próxima da humanidade, assim como na linguagem que as descrevemos uma espécie de partitura gestual. Observamos, partir dos seus códigos um simbolismo da cabeça aos pés, refletidos na cultura esteticamente representados. O “braço” de mar, os “pés” de cadeira, as “costas” da montanha, a “boca” de jarro, a “cabeça” de ponte, etc. Essa visualização do mundo como um reino de coisas vivas, em cada uma, parece estar o indivíduo, com desejos e propósitos que faz criar o conflito e a criação.⁶

O que interpretamos como lógico, esse efeito do corpo humano em movimento sobre as coisas, essa motricidade imanente sobre a estética da natureza, vigora paralelamente e subjacente ao efeito físico um efeito cultural, o espectro espiritual fora das estruturas controladas ou leituras e dos discursos científicos exteriores ao cotidiano. Em cada gesto esportivo, comumente chamado de técnica, construída com palavras e poderes físico-químicos ou biomecânicos, não danificaram a concepção subjetiva da *atividade física*. Assim como em cada *aula prática*, ancora o vigor e o saber como metáfora viva inerente à sintaxe da linguagem, no vocabulário coreográfico pressupõe uma *aula teórica* que a representação corporal anuncia quando movemos objetivamente. Parece que a Educação Física aceitou o desafio da cultura em tornar consciente o inconsciente motor, porém fazê-lo potente

⁴ MAUSS, M. Antropologia e sociologia. São Paulo, EDUSP, Vol II, 1974, p.76.

⁵ Op. Cit. p.214.

⁶ RICOEUR, P. *Interpretation theory: discourse and the surplus of meaning*. Dallas, Texas Christin University Press, 1976, p. 74.

tornando voluntário a partir das estruturas orgânicas recondidas e involuntárias. Cassirer⁷ chamou essa “espiritualidade” como evolução das formas simbólicas.

A Educação Física pode explicar porque dançamos, esse culto poético muitas vezes incorpóreo, fecundo, e que permite que todas as aulas de Educação Física não possam ser sustentadas ou reduzidas apenas por modelos e métodos. Isso explica o precoce desenvolvimento da dança como uma forma de arte completa e sofisticada, e que permite a observação cuidadosa de que a “dança é, de fato, o “negócio intelectual” mais sério da vida selvagem:

é a visualização do mundo além do local e momento da existência animal da pessoa, a primeira concepção de vida como um todo - contínua, vida supra-pessoal pontuada pelo nascimento e pela morte, rodeada e alimentada pelo resto da natureza”⁸.

Estudar a Educação Física é *fazê-la*, assim como *praticá-la*. O costume nos deu o ilustre conceito de *educação com o físico*, e que no mundo contemporâneo essa ilustração criou uma representação inusitada do *ethos* com a *physis*. E educação do homem, sobretudo a educação estética, moral e ética deverá suportar o edifício inteiro das tradições da cultura corporal como elemento imanente da cultura humana. A Educação Física tem uma responsabilidade, quando constituída no

mundo trabalho, de revigorar o conceito de exercício *com sabedoria*. Uma relação não muito simples de se viver, pois, para dar respostas ao mundo, esse investimento necessita muito mais do que aprendemos até agora com os códigos de aprendizagem. Essa mesma Educação Física será transferida para a totalidade do homem quando este der a permissão de compreender o “impulso lúdico”, como razão e sensibilidade atuando simultaneamente no corporemente. Essa permissão aparecerá com a liberdade de movimento que se transfigura em liberdade de poder. Através do culto ao corpo-espírito, fora dos dogmas, em cada *aula de Educação Física*, vigorará a recriação constante face às determinações dos sentidos, face às determinações da razão.

Bibliografia

- CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. Porto, Rés-Editora, 1978.
- GUATARRI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- MAUSS, M. *Antropologia e sociologia*. São Paulo, EDUSP, vol. II, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M. *Signes*. Paris, Editions Gallimard, 1960.
- RICOEUR, P. *Interpretation theory: discourse and the surplus of meaning*. Dallas, Texas Christin University Press, 1976.
- SACCHS, C. *World history of de dance*. New York, W.W. Norton & Cia, 1937.

Keywords: Physical Education and Culture

Abstract: The contemporary culture has incorporated an exclusive sense for the concept of Physical Education. From the human manifestation with the bodily practice, we sees that to do Physical Education became culture before its adepts could have conscience of this phenomenon. The discourse about the practice of bodily activity makes the human body to acquire a cultural form and come to execute a value entirety and behavior that reflect methaforously (symbolic form language) a survive sense. The use of body while culture activity catches the human being in its totality. This needed to rediscover a Physical Education while culture, the technique and practice while a legitimate basis of the its structure.

⁷CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

⁸SACCHS, C. *World history of de dance*. New York, W.W. Norton & Cia, 1937, p. 324.